

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. X OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1905 N.º 10 A 12

Os Grovios

Entre os povos que nos tempos protohistoricos habitaram o NE. da Iberia contam-se os «Grovios», mencionados nas obras de Pomponio Mela (meados do sec. I da E. C.), Plinio o Antigo (23-† 79 da E. C.), Silio Italico (25-† 101 da E. C.) e Ptolemeu (principios do sec. II da E. C.).

De todos estes AA. o que dá noticias mais minuciosas é Mela. Diz elle que os GROVIOI se estendiam pelo territorio que vai desde o *Durius* «Douro» até o primeiro dos *flexus* que elle assinala ao longo da costa gallega, a partir d'aquelle rio, e no qual desagoam os rios *Laeros* ou *Laeron* «Lerez» e *Ulla* «Ulla». Todavia apenas diz que nesse territorio corriam os rios *Avus* «Ave», *Celadus* «Cavado», *Naebis* «Neiva», *Limia* «Lima» e *Minius* «Minho»¹. Na concepção geographica de Pomponio Mela, os Grovios occupavam consequentemente, pelo menos, parte das regiões que depois se denominaram Galliza e Entre-Douro-e-Minho.

Para Plinio, que é um pouco menos antigo que Mela, os Grovios estendiam-se tambem até alem do rio Minho. Numa enumeração ethno-graphica que elle faz, do Norte para o Sul, menciona os Grovios antes do castello de *Tyde*: *a Cilenis conventus Bracarum, Helleni, Grovi,*

¹ Mela, III, 1, ao enumerar os rios, colloca inexactamente o *Limia* depois do *Minius*, ao passo que todos os outros os colloca na successão natural, do Sul para o Norte: *Avus, Celadus, Naebis, Minius et cui oblivionis cognomen est Limia*. Fez isto, não por erro, mas por ter de juntar um epitheto a *Limia* («cui oblivionis cognomen est»), e ficar pois melhor no fim a menção do rio, para se arredondar oratoriamente o periodo. Se elle adoptasse a ordem natural, e escrevesse *Minius* depois de *Limia* e da frase que lhe está adjunta, o periodo não seria tão sonoro.

castellum Tyde, isto é: «a partir dos Cilenos fica o convento juridico dos Bracaros, com os Helenos, os Grovios e o castello de Tuy»¹.

Quanto a Ptolemeu, este autor, depois de citar os Bracaros, ramo dos Callaicos, e antes de citar os Vaceus, cita vagamente uma serie de povos, um dos quaes é o dos Γροβίων², isto é, GROVIORUM, genetivo de GROVII = Γροβιοι.

Silio Italico diz que os Grovios, nome que elle altera em *Gravii* «Gravios», ficavam para lá do rio *Limia* «Lima»³. A alteração do nome provém de Silio suppor falsamente que os Grovios provém dos Graios ou *Graii* «Gregos»⁴. Todavia, como refere que entre as tropas reunidas por Hannibal contra os Romanos iam os *Gravii* (lede *Grovii*) mandados pela cidade de Tuy⁵, vê-se que elle attribue tambem a este povo, como era natural, territorios na Galliza.

*

Curioso é notar que na toponymia moderna, tanto do Entre-Douro-e-Minho e da Beira como da Galliza, ha uma serie de nomes que, segundo todas as apparencias, se relacionam etymologicamente com o nome ethnico GROVII. Ei-los:

Gróvia, nome de uma povoação (S. João) na freguesia de Labruja, concelho de Ponte-de-Lima, e de um sitio na freguesia de Linhares, concelho de Paredes-de-Coura;

Grobia e Grobea, nomes de povoações na provincia gallega da Corunha;

Groiva, nome de uma herdade no concelho de Fafe;

Gróvos, nome de uma povoação no concelho de Amares;

Grova, nome de povoações nos concelhos dos Arcos, de Melgaço, de Amares (duas), de Povo-a-de-Lanhoso, do Marco-de-Canaveses e de Santo Tirso, e na provincia gallega de Orense; e nome de uma leira na freguesia da Arosa,

¹ *Nat. Hist.*, IV, 112.

² *Geographia*, II, 6, 44.

³ .. *super Gravios lucentis volvit harenas*. Vide *Punicorum* lib. I, v. 235.

⁴ .. *Gravios violato nomine Graium*. Vide *Punicorum* lib. III, 336.—Cf. Plinio, *Nat. Hist.*, IV, 112 («Graecorum sobolis omnia»).

⁵ Oeneae misere domus *Aetolae Tyde*.

Vide *Punicorum* lib. III, v. 377.—Silio Italico attribue a Tyde origem grega, baseado na fortuita semelhança phonetica que existe entre *Tyde* ou *Tude*, nome local, isto é, «Tuy» (cfr. Hübner, *Mon. ling. Iber.*, indice, s. v.) e *Tydeus*, filho de *Oeneus* e pae de *Diomedes*, rei da *Aetolia*.—Sobre esta falsa noção cfr. *Religiões da Lusitania*, II, 36.

concelho de Guimarães, de um casal no concelho de Melgaço, de uma quinta ou habitação no concelho de Sinfães, e de um sitio no lugar de Albergaria, freguesia de S. João de Sá, concelho de Monção (ha tambem no concelho de Monção pessoas com este appellido, o qual tem evidentemente origem geographica);

Groba, nome de povoações nas provincias gallegas da Corunha e Orense;

Grovas, nome de povoações nos concelhos de Vianna do Castello e Felgueiras, e na provincia gallega de Orense;

Grobas, nome de povoações nas provincias gallegas de Pontevedra e Corunha;

Grove, nome de povoações no concelho de Valença, e na provincia gallega de Pontevedra¹;

Grobe, nome de povoações nas provincias gallegas da Corunha e Lugo;

Groves, nome de uma povoação na provincia gallega de Pontevedra.

Com aspecto de diminutivo temos:

Grovellas, nome de uma povoação no concelho de Ponte-da-Barca, e, com a pronuncia de Gorvellas (isto é, *gurv-*), nome de um sitio na freguesia de Formariz, concelho de Paredes de Coura.

Notarei que em gallego alterna na escrita *v* com *b*; por isso os nomes que ha pouco representei com *b*, segundo a maneira como os achei escritos, podiam tambem representar-se com *v*, de acôrdo com a graphia dos nomes portuguezes que lhes correspondem. Por outro lado, como no portuguez interamnense e beirão o *v* soa, ou póde soar, *b*, tambem eu não erraria se escrevesse com *b*, á maneira gallega, todos os nomes portuguezes citados acima².

Quando digo que ha razões para crer que os nomes modernos se relacionam com os antigos, não quero afirmar que todos aquelles pro-

¹ Consta-me que em vez de *Grove* (Valença) se diz tambem *Gróvia*.

² As minhas fontes de informação foram: para a toponymia portuguesa, principalmente a *Chorographia moderna do reino de Portugal*, de J. M. Bätista, vol. vi, Lisboa 1878 (digo principalmente, porque alguns nomes ouvi-os eu proprio pronunciar, e outros devo-os á indicação de pessoas fidedignas); para a toponymia gallega as seguintes obras: *Nomenclator de Galicia*, por D. Emilio Platas y Borde, La Coruña 1873, e *Dicc. geogr. y postal de España*, publicado por la Dirección General de Correos y Telégrafos, Madrid 1880.

venham immediatamente de GROVII, pois os nomes modernos apresentam quatro typos, abstrahindo dos suppostos pluraes, do deminutivo e das variantes phonetico-orthographicas: *Gróvia* (e *Groiva*), *Grova*, *Grove* e *Grovos*.

Sem dúvida as fórmulas minhotas *Grovia* e *Groiva* podem explicar-se pelo feminino singular de *Grovii*, isto é, por *Grovia*, fórmula homophona com a primeira d'aquellas, e que realmente apparece como nome de mulher numa inscripção galleco-romana¹. Quanto aos outros, isto é, a *Grova*, *Grove*, e *Grovos*, posto que, com algum esforço, fosse

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2550.—Convem prevenir uma objecção. Póde perguntar-se porque é que devendo, numa explicação etymologica, reparar-se se ella obedece ou não ás leis phoneticas, nos apparece a fórmula *Gróvia*, quando temos, a par, *Groiva*, e na lingua commum temos *noiva*, do lat. **novia* (deriv. de *novus*), e *goiva*, do lat. *gubia*.

A resposta é facil. *Gróvia* é do Alto-Minho, e nesta região, em certas localidades, o fallar português apresenta alguns caracteres que são communs ao gallego. Assim, no concelho de Coura, vizinho do de Ponte-de-Lima, a que pertence *Gróvia*, ouvi dizer:

rubio ou *ruvio* (a par de *ruivo*, ou com *b*), como em gallego moderno *rubio*, ant. *ruvio*, que vem na *Cronica Troiana*, texto do sec. XIV, publicado por Martínez Salazar, t. II, La Coruña 1900, glossario;

chubia ou *chuvia* (a par de *chuva*, ou com *b*), como em gallego moderno *chubia*, ant. *chuvia*, *chueva* e *chovea*, que vem na citada *Cronica Troiana*;

rábia ou *rávia* (a par de *raiva*, ou com *b*), que creio se encontra tambem na expressão gallega *arbol d-a rabia*, citada por Valladares y Nuñez no *Diccionario gallego-cast.*, Santiago 1884, p. 479.

No proprio concelho de Ponte-de-Lima se diz *chubia* ou *chuvia*, que contrasta com *chuiva* (arc. e pop. noutras regiões) e *chuva*: vid. os meus *Dialectos Interamnenses*, IV, 8. Na linguagem de outros concelhos do Alto-Minho se encontra tambem: *rabiari*, em Melgaço, e *chubia* em Soajo, como mostrei nos *Dialectos Interamnenses*, IX, 11, e II, 18.

Se estes factos do fallar alto-minhoto concordam com os que se observam em gallego, temos no português commum factos discordantes dos que se observam aqui: port. *goiva*, gall. *gubia*; port. *Loivo* e *Loivos* (nomes geographicos, talvez derivados do lat. *loba* ou **lobus* = gr. *λωβός*), gall. *Lobio* e *Lobios*.

De tudo resulta que o ditongo crescente *ia* se mantem no fallar gallego, e tem igualmente tendencia a manter-se no fallar alto-minhoto, ao passo que no baixo-minhoto e no fallar commum ou litterario, que tanta influencia exerce nas linguagens provincianas, esse ditongo se desfaz, passando o *i* a formar ditongo decrescente com a vogal tonica anterior; isto é: vog. ton. + cons. + *ia* > dit. de subjunctiva *i* + cons. + *a*, por ex. *rávia* > *raiva*.

Por tanto comprehende-se que no Alto-Minho (em Ponte-de-Lima e Coura) se diga *Gróvia*, e que no Baixo-Minho (em Fafe) se diga *Groiva*.

Mesmo que no Alto-Minho nos apparecesse uma fórmula sem ditongo crescente, isso não seria estranho, em virtude da acção, que acima notei, da lingua culta. Em tal caso estaria **Groivellas*, de que fallo mais adiante.

ainda possível reduzi-los phoneticamente a *Grovii*, não tentarei isso, e prefiro dizer que elles provém do mesmo radical de que provém *Grovii*, que tem apparencia adjectival (sing. masc. *Grovius*, fem. *Grovia*, pl. masc. *Grovii*).

O facto de haver *Grovas* e *Groves* a par de *Grova* e *Grove* faz crer que as duas primeiras fórmas são meros pluraes das duas ultimas; por outro lado a fórma *Grovos* presuppõe o sing. **Grovo*, que estaria para *Grova* na relação de masculino para feminino. Da *Grovellas* de Ponte-da-Barca ha a fórma antiga *Grouvelas*, do sec. XIII, que se lê tres vezes nas *Inquirições* de D. Affonso II¹, a par de *Grovelas*, que ahi se lê uma vez²; se não ha êrro de transcripção, e parece não o haver, por isso que a palavra se repete tres vezes, *Grouvelas*, isto é, *Grouvellas*, está por **Groivellas* (com a conhecida equivalencia entre *oi* e *ou*, como em *Doiro* < > *Douro*, do ant. *Dorius*=*Durius*), e **Groi-*
vellas é deminutivo de *Groiva* ou *Groivas*; se ha êrro, e *Grovelas*, isto é, *Grovellas*, é a fórma legitima, esta é deminutivo de *Grova* ou *Grovas*. Mas o mais provavel é que *Grouvelas* seja fórma anterior a *Grovelas*, posto que eu julgue insolita, no fallar do Minho, a substituição do ditongo *ou*, embora antes de *v* (< > *b*), por *o*³.

Tanto esta variedade de nomes, como a sua área geographica e as differenças grammaticaes de número (singular e plural) e os deminutivos, mostram que a palavra fundamental era na origem substantivo commum; pena é que não se saiba a sua significação.

*

Se por um lado o nosso espirito se compraz de observar como do nome de um povo, que viveu em eras remotas no Noroeste da Lusitania e cuja existencia nos é apenas revelada por algumas noticias respigadas em emmaranhados textos de autores greco-romanos, resta ainda, em virtude da tenacidade da tradição, um eco tão vivaz no onomastico mo-

¹ *Port. Mon. Hist.*, «Inquisitiones», pp. 37, 117 e 235. Segundo as *Inquirições*, *Grouvelas* ficava na terra de *Anovrega* ou *Anobrega*, a que hoje correspondem varias freguesias dos concelhos de Ponte-da-Barca e Villa-Verde: vid. *Port. Mon. Hist.*, «Inquisitiones», p. 279; por isso é que digo que a *Grovellas* de Ponte-da-Barca é a mesma das *Inquirições*.

² *Port. Mon. Hist.*, «Inquisitiones», p. 188.

³ Talvez *Grovellas* tenha de se explicar, não propriamente por alteração phonetica de *Grouvellas*, mas de modo independente. Assim como na lingua usual coexistiam *Groiva* = **Grouva*, e *Grova*, tambem aquelle deminutivo foi ora com *ou* = *oi*, ora com *o*,—isto é *Grouvellas* = **Groivellas*, e *Grovellas*.

derno, — por outro lado ficamos comprehendendo porque é que, tanto quanto pude averiguar, os nomes modernos de que se trata apparecem unicamente na Galliza, no Entre-Douro-e-Minho e na parte da Beira (Sinfães) que confina com o Douro.

Já Isaac Voss, nas suas *Observationes ad Pomponium Melam* notou de passagem que o nome *Grovii* «remanet . . hodie in insula et promuntorio ad ostium Ullae fluminis sito, Grove enim vocatur»¹, ideia apresentada tambem por Cortés y López no seu *Dicc. geogr.-hist. de la España antigua*²; mas nenhum d'estes AA. levou mais longe a comparação, nem a estendeu, como fiz, por outras regiões da Galliza e pelo Norte de Portugal, mostrando que com o territorio attribuido pelos Gregos e Romanos aos *Grovii* coincide pouco mais ou menos, ainda agora, a área occupada pelos vocabulos topicos *Grovos*, *Gróvia* e congeneres, como se vê nos dois mappas que junto aquí (est. I e II).

Fica implicitamente, nas linhas precedentes, confirmado mais uma vez³ que *Gravii* é graphia erronea, e que a unica verdadeira é *Grovii*.

J. L. DE V.

Torre de Quintella

A 5 kilometros de Villa Real, ao sudoeste, na povoação de Quintella, ha uma antiga torre de que se encontram noticias no *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal, copiadas em varios jornaes, com considerações, cujo valor historico não sabemos qual seja.

Ultimamente tivemos em nosso poder um tombo com os prazos, que eram muitos, dentro do districto e fóra d'elle, e obtivemos do nosso bom amigo, e photographo distincto, Antonio Lopes Martins, uma photographia da *torre*, a qual acompanha este artigo.

Em que epoca foi construida a torre?

A quem pertenceu antes do sec. XVII? Nada se depreheende do tombo.

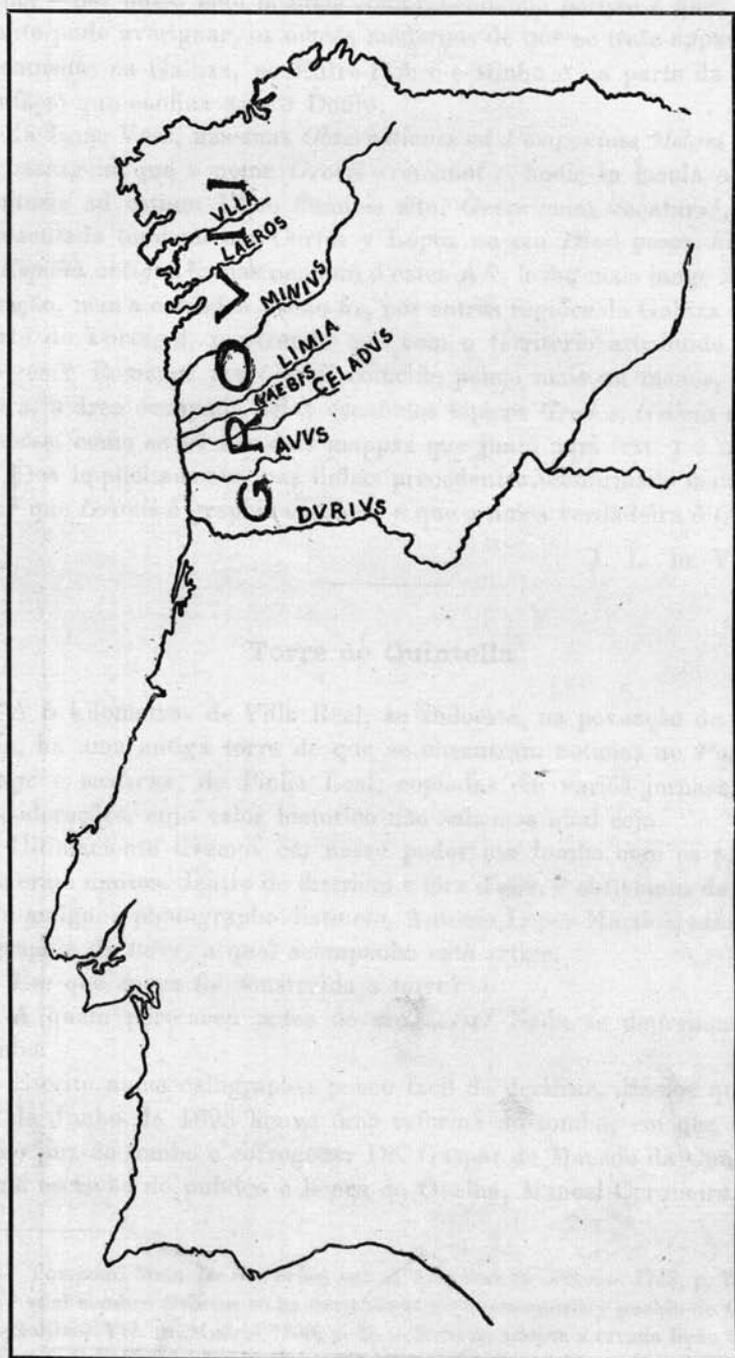
Escrito numa calligraphia pouco facil de decifrar, diz-nos que aos 27 de Junho de 1695 houve uma reforma do tombo, em que figura como juiz do tombo o corregedor Dr. Gaspar de Macedo da Cunha, e, como escrivão do publico e honra de Ovelha, Manoel Cerqueira.

¹ Pomponii Mela *De situ orbis*, vol. II, Lugduni Batavorum 1748, p. 786.

² «del nombre *Gravios* se ha derivado el del promontorio y pueblo de Grove» (na Galliza). Vol. III, Madrid 1836, p. 23.— Este A. adopta a errada lição *Gravii*.

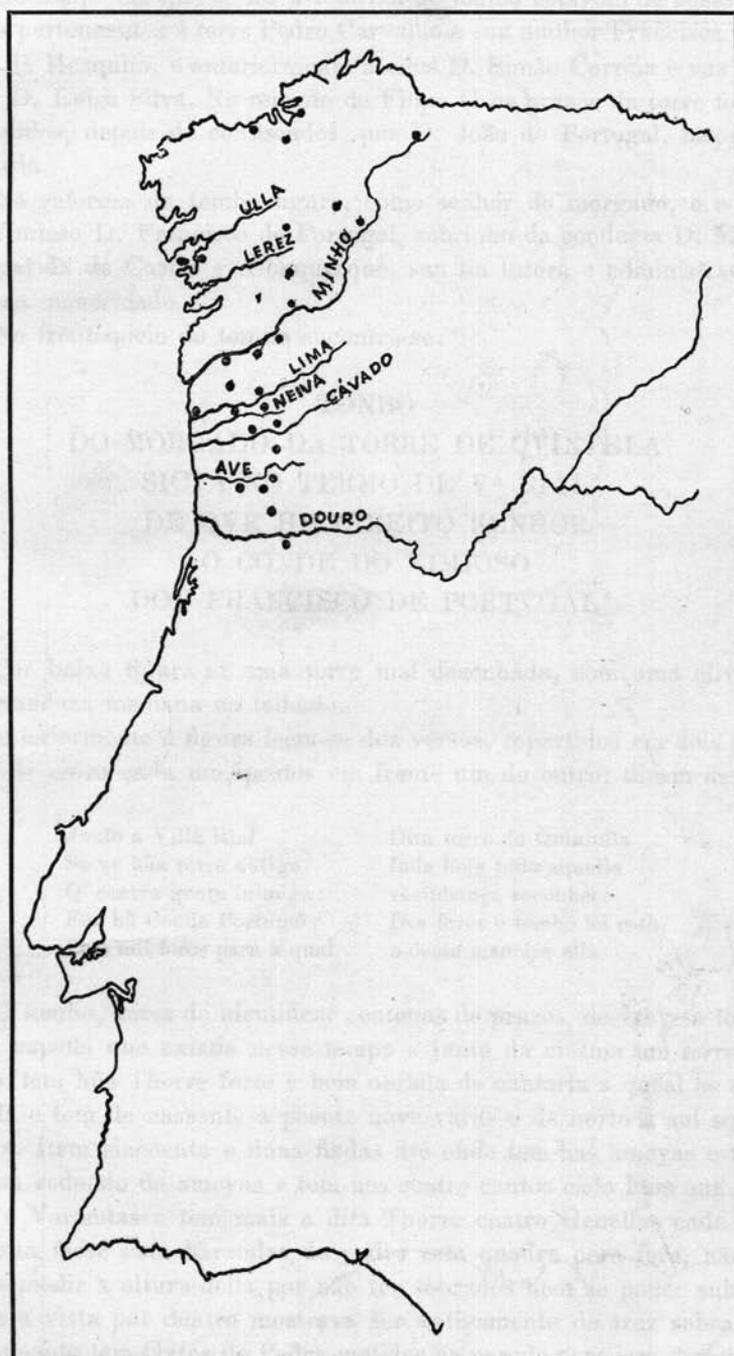
³ Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 74, n. 4.

Área geographica dos Grovii, segundo as indicações dos AA. greco-romanos



PORTUCAL E GALLIZA

Área geographica das palavras *Gróvia*, *Grova*, *Grove*, *Grovas*
e congengeres



PORTUGAL E GALLIZA

Os pontos denotam aproximadamente os concelhos portugueses
e os *ayuntamientos* gallegos
a que pertencem as povoações e os sitios que tem aquellas designações